



A BIBLIOTECA DE CLASSE COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO LEITORA

Sabrina Silva Bittencourt ¹

Nathalia Gidi Silva ²

Laura Ingrid Sampaio Moreira ³

Juciane Sampaio Rocha ⁴

Aline Carvalho Nascimento ⁵

RESUMO

Este relato de experiência aborda sobre o investimento na Biblioteca de Classe, realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Subprojeto Alfabetização, em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Salvador. A biblioteca de classe é um espaço essencial para estimular o hábito da leitura e formar sujeitos críticos e autônomos, integrando o livro à rotina escolar de forma acessível e próxima. Mais do que compor um conjunto de obras literárias, constitui-se num espaço pedagógico que suscita curiosidade, imaginação, prazer pela leitura e ampliação do vocabulário. O trabalho fundamenta-se na abordagem construtivista psicogenética, reconhecendo a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem. A metodologia inclui sua participação em todas as etapas: organização do espaço, catalogação dos livros, escolha do nome da biblioteca, exploração do material, rodas de leitura e empréstimo de livros. A proposta prioriza o prazer estético da leitura e a formação de comportamentos leitores, compreendendo essas práticas como ações sociais significativas que ampliam as possibilidades de ensino e de aprendizagem. O empréstimo de livros permite que a leitura se estenda para o ambiente familiar, fortalecendo vínculos e criando rotinas de leitura em casa. Essa prática também ensina responsabilidade, já que os alunos aprendem a cuidar e devolver os livros no prazo, além de incentivar a partilha de histórias entre colegas. Os principais resultados observados incluem o fortalecimento de práticas escolares mais significativas, articulada a uma educação democrática e inclusiva, que valoriza a formação cidadã. A presença da leitura literária no ambiente escolar favorece o desenvolvimento cognitivo e emocional, aprimora leitura e escrita e estimula o pensamento crítico e reflexivo, consolidando a biblioteca de classe como um dispositivo de formação transformador para as crianças e para os futuros docentes.

Palavras-chave: Alfabetização, Biblioteca de classe, Leitura, Comportamentos leitores.

¹ Graduando do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - UFBA, sabrinabittencourt33@gmail.com;

² Graduando pelo Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - UFBA, nathaliagidi@gmail.com;

³ Graduando do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - UFBA, lauraingrid28@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de **Pedagogia** da Universidade Federal - UFBA, juciane.sampaio09@gmail.com;

⁵ Mestrando titulação, Faculdade de Educação - UFBA, alinanascimentoedu@gmail.com.





INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID - é uma iniciativa da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) que visa inserir estudantes de licenciatura no cotidiano de escolas públicas de educação básica. O trabalho é colaborativo, desenvolvido por coordenadora de área, docente coformadora e bolsistas. Nesse sentido, o subprojeto de Pedagogia da Universidade Federal da Bahia intitulado "Alfabetização", escolheu a Biblioteca de Classe como recurso principal para integrar as práticas de leitura ao contexto da alfabetização, nas turmas do 1º ano da Escola Municipal Fonte do Capim, na Bahia. Diferente de um cantinho de leitura, a biblioteca de classe trata-se de uma proposta pedagógica que conecta os livros ao cotidiano escolar de forma significativa. De acordo com Castedo (2010), ela se constitui como um espaço dinâmico, que busca favorecer a imersão das crianças nas práticas sociais de leitura e escrita. Ao articular a proposta da biblioteca de classe à abordagem respaldada no ensino contextualizado e reflexivo apoiamo-nos nas contribuições de Emilia Ferreiro (1999), que compreende a criança como um sujeito ativo no processo de construção do conhecimento, especialmente no que se refere à aquisição da leitura e da escrita. Nessa mesma perspectiva, Giovana Zen (2021) reforça que o ensino da língua escrita deve ser contextualizado e reflexivo, permitindo que as crianças atribuam sentido às práticas de leitura e escrita inseridas em situações reais de uso.

METODOLOGIA

A implementação do trabalho voltado para a Biblioteca de Classe oportunizou que as discentes do curso de Pedagogia se envolvessem na organização das etapas e atividades que seriam realizadas. O planejamento dessas ações foi orientado a partir das reuniões semanais na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, que contou com estudo, reflexão sobre a prática, planejamento, e, desdobrou-se nos momentos de diálogo na escola. Na escola, o espaço destinado à biblioteca foi estruturado com cinco nichos separados por gêneros literários: poemas, contos/fábulas, história em quadrinhos, material informativo e, por fim, de novidades. Além disso, foi pensado também em um cantinho da leitura, com almofadas e tapete com material emborrachado, que fornecesse conforto no momento da leitura, e o espaço está localizado no fundo da sala. As etapas foram planejadas considerando a participação ativa das crianças em todo o processo. Dessa forma, a metodologia utilizada para a escolha do nome da biblioteca de classe foi a votação democrática, com o objetivo de engajar as turmas na





construção do lugar, no pertencimento. De início, os possíveis nomes para biblioteca foram escolhidos pelos próprios alunos, fazendo com que as opções representassem o interesse do

grupo escolar, este momento de escolha foi utilizado também como momento de intervenção pedagógica, em que a professora escreveu as sugestões de nomes para a biblioteca no quadro e chamava as crianças individualmente para escolherem, lendo para elas sem utilizar a ordem que estava no quadro, permitindo que eles localizassem sozinhos o nome que mais gostaram. Foram escolhidas 7 opções para o final da votação, sendo elas: Biblioteca Livros Legais, Biblioteca Encantada, Biblioteca Viagem na Imaginação, Biblioteca Magia, Biblioteca Magia e Imaginação, Biblioteca Criativa e Biblioteca Fonte do Capim dos Livros. A votação foi realizada pessoalmente, com alunos de ambos os turnos. Depois que todos votaram, foi seguido para a contagem e confirmação dos votos, assim, pela decisão da maioria, o nome escolhido foi Biblioteca Encantada. As rodas de leituras seguiram com planos elaborados com antecedência, que contemplavam estratégias e intervenções docentes antes, durante e após a leitura. Os planos consideravam os livros selecionados pelos bolsistas, com base nos critérios discutidos nas reuniões, e os objetivos buscavam romper com o uso da literatura como pretexto para atividades mecânicas. Pois, ao invés disso, optou-se pelo estímulo à apreciação do livro em si. Após a revisão dos planos de aula em parceria com a professora regente, foram organizados os dias em que cada bolsista pudesse realizar a sua roda de leitura. A próxima etapa do projeto da Biblioteca de Classe consiste na implementação do empréstimo de livros. Para essa fase, a professora organizou um acervo com a quantidade de exemplares correspondente ao número de crianças da turma, de modo a possibilitar que cada uma tenha acesso individual ao material. Foi organizado previamente o regulamento da biblioteca em que as crianças participaram construindo as regras para o funcionamento da biblioteca e dos empréstimos, definindo a quantidade de dias que o livro ficaria emprestado; o que aconteceria com quem não devolvesse o livro no dia definido; as boas condições de conservação em que os livros precisam ser devolvidos; os dias definidos para empréstimos e devoluções. Em um dia previamente definido da semana, ocorreria o momento de empréstimo acompanhado por um bibliotecário, que será uma criança da turma, momento em que cada estudante poderá selecionar um livro para levar para casa, com o intuito de realizar a leitura em família. Após o período estabelecido para o empréstimo, o bibliotecário volta a entrar em ação ficando responsável pela conferência e



REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse percurso de encontros e estudos, foram fundamentais as contribuições de Emília Ferreiro e Giovana Cristina Zen, oferecendo um alicerce fundamental para compreender como práticas contextualizadas e reflexivas podem transformar a aprendizagem, sobretudo em espaços pedagógicos inovadores, como a biblioteca de classe. As pesquisas de Emília Ferreiro, desenvolvidas a partir da psicogênese da língua escrita, trouxeram uma ruptura significativa em relação às concepções tradicionais de alfabetização. Ferreiro (2001, p. 9) afirma de maneira categórica que “ler não é decifrar, escrever não é copiar”, ressaltando que a alfabetização não se reduz ao domínio mecânico de códigos, mas envolve a compreensão da escrita como um sistema de representação da linguagem. Nessa perspectiva, a criança é reconhecida como sujeito ativo do processo, formulando hipóteses e elaborando ideias próprias sobre o funcionamento da língua. Como observa a autora: “a escrita não é apenas um código, mas um objeto de conhecimento, sobre o qual as crianças elaboram ideias próprias” (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985, p. 23). Essa concepção desloca o papel do professor de transmissor para mediador, que oferece condições para que a criança se confronte com situações reais de uso da leitura e da escrita. A biblioteca de classe, nesse sentido, pode ser compreendida como um ambiente de experimentação e investigação. Ela coloca as crianças em contato com múltiplos textos, amplia o repertório cultural e permite que formulem hipóteses sobre a língua em situações concretas. Essa proposta está em consonância com a ideia de Ferreiro (2001, p. 14) de que “não se trata de ensinar conteúdos pré-fabricados, mas de criar condições para que o sujeito construa seu conhecimento”. Giovana Cristina Zen (2018) reforça a importância de que esse processo se dê em diálogo com o contexto sociocultural do aluno. Para a autora, “ensinar é um processo que só adquire sentido quando relacionado com a realidade do aluno, com seu contexto social e cultural” (ZEN, 2018, p. 45). Essa perspectiva amplia a compreensão de que a biblioteca de classe não é apenas um acervo físico de livros, mas um dispositivo pedagógico vivo, que deve estar articulado às práticas sociais e culturais da comunidade escolar. No caso de uma escola





municipal de Salvador, por exemplo, essa articulação passa pelo reconhecimento das identidades culturais locais, das narrativas orais, da literatura infantil e juvenil que circula no cotidiano das famílias e do bairro. Zen (2018) também ressalta que a aprendizagem reflexiva

demanda que os alunos se percebam como protagonistas do processo. Segundo ela: “a aprendizagem reflexiva exige que o aluno seja colocado em situações em que possa pensar sobre o que faz, analisando, questionando e transformando sua relação com o conhecimento” (ZEN, 2018, p. 62). Assim, o uso da biblioteca de classe, quando associado a projetos de leitura, rodas de conversa, produções escritas coletivas e compartilhamento de experiências leitoras, favorece o desenvolvimento da autonomia, da criticidade e da cooperação entre pares. A implementação de uma biblioteca de classe representa, portanto, uma ação pedagógica que materializa as concepções de Ferreiro e Zen. Ela não se restringe ao fornecimento de livros, mas cria condições reais para o exercício da leitura e da escrita em situações contextualizadas. Outra autora que fez parte de nossos estudos foi Mirta Castedo, suas reflexões complementam a perspectiva de Ferreiro e Zen ao defender que a alfabetização precisa ser vivida em situações de uso real da linguagem. A autora afirma que “é preciso que a leitura e a escrita estejam presentes desde o início da escolarização, não como exercícios descontextualizados, mas como práticas sociais significativas” (CASTEDO, 2009, p. 37). Castedo enfatiza também a dimensão coletiva da aprendizagem, ressaltando que “as situações de leitura e escrita compartilhadas entre professor e alunos, e entre os próprios alunos, são fundamentais para o avanço das hipóteses sobre a língua” (CASTEDO, 2009, p. 41). Nesse sentido, a biblioteca de classe se constitui como espaço privilegiado de convivência leitora, em que o ato de ler e escrever não é visto como treino individual, mas como prática de interação, troca e construção de sentidos coletivos ao reunir livros literários, informativos, revistas e produções das próprias crianças, cumpre exatamente esse papel. De acordo com Ferreiro (2001), a criança precisa participar de situações de leitura que façam sentido em seu cotidiano, para que estabeleça vínculos afetivos com os textos e compreenda sua função social. A biblioteca de classe, ao disponibilizar obras de diferentes gêneros e temáticas, permite que os estudantes construam uma relação prazerosa e significativa com os livros. Ao mesmo tempo, segundo Zen (2018), é possível compreender a biblioteca de classe como um espaço que rompe com práticas pedagógicas descontextualizadas. Ela possibilita que o aluno se veja como parte de uma comunidade leitora, que aprende de forma





colaborativa e reflexiva. Nesse contexto, o professor atua como mediador, incentivando a troca de experiências, a análise crítica dos textos e a produção de sentidos coletivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implementação da Biblioteca de Classe permitiu que os alunos tivessem contato diário com diversos gêneros textuais. Observamos maiores resultados no desenvolvimento e interesse pela leitura, formação dos comportamentos leitores e fortalecimento de vínculos com o espaço. Também há de se considerar grandes avanços na compreensão da função da escrita e no aumento do repertório linguístico. Segundo Lerner (2023), ensinar leitura e escrita implica em inseri-las como práticas sociais no cotidiano escolar. Nesse sentido, a Biblioteca mostrou-se um recurso pedagógico potente para possibilitar às crianças práticas sociais de leitura e escrita em situações sociais e reais de uso. Pois, segundo Ferreiro, aprender a ler é entrar em um universo cultural que permite novas formas de pensar, de comunicar e de compreender o mundo. E é justamente neste sentido que a Biblioteca de Classe se insere, ampliando o repertório cultural das crianças e favorecendo a construção de sentidos na leitura.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta experiência evidenciou impactos positivos aos participantes dessa ação. Observa-se aprendizagens significativas dos estudantes das duas turmas do 1º ano dos Anos Iniciais, ao se relacionarem com a leitura e escrita não como codificação e decodificação, mas estabelecendo relações importantes em que interagem com o objeto sociocultural que é a língua escrita. Os comportamentos leitores e escritores são aprendizagens importantes e que seguem sendo fortalecidos com a prática cotidiana do uso da biblioteca de classe. As aprendizagens também são significativas aos bolsistas do PIBID Alfabetização, a experiência proporcionou a oportunidade de refletir acerca do papel do docente como mediador, visando desenvolver estratégias pedagógicas que rompem com práticas mecânicas e tornem a alfabetização um espaço aberto para aprendizagem crítico reflexiva. O trabalho segue sendo desenvolvido, e certamente as aprendizagens significativas vão sendo fortalecidas no decorrer do ano letivo, trazendo contribuições para todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e de aprendizagem.





REFERÊNCIAS

CASTEDO, Mirta. Escrita e produção de textos na escola. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CASTEDO, Mirta Luisa. Dar aulas com a biblioteca de classe. In: CEEV. 30 olhares para o futuro. São Paulo: Escola da Vila, pp. 197-214, 2010.

FERREIRO, Emília. Ler e escrever: o real, o possível e o necessário. São Paulo: Cortez, 2001.
FERREIRO, Emília;

TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1985.

ZEN, Giovana Cristina. Educação e aprendizagem: práticas reflexivas e contextualizadas. Curitiba: CRV, 2018.

GOODMAN, Yetta M.; FERREIRO, Emília. Como as crianças constroem a leitura e a escrita: perspectivas piagetianas. Porto Alegre: Artmed, 1995.

